

LINGUASAGEM

PODER E INFLUÊNCIA: O IMPACTO DO DISCURSO PRESIDENCIAL EM MEIO À PANDEMIA CAUSADA PELO NOVO CORONA VÍRUS

Vitória Laís Santos SILVA¹

Resumo: Este estudo preocupa-se em analisar, psicológica e socialmente, o poder atribuído ao Presidente da República para destacar como a suas palavras e ações influenciam a população brasileira e pontuar os reflexos dessa influência no agravamento da pandemia. Conceituamos poder com base em influência, recorrendo aos estudos de French e Raven (1959) e discutimos essa influência focada nas ações em relação à COVID-19, citando os estudos de Jetten et al (2020). Além disso, a fim de mostrar concretamente os vestígios do poder e da influência do presidente perante seus eleitores, selecionamos postagens realizadas por Bolsonaro nas redes sociais *Twitter* e *Facebook* e comentários feitos por brasileiros que o seguem e interagem com ele.

Palavras-chave: Poder; Influência; Discurso presidencial; Ações; COVID-19.

Abstract: This study is concerned with analyzing, psychologically and socially, the power attributed to the President of the Republic to highlight how his words and actions influence the Brazilian population and punctuate the reflexes of this influence in the aggravation of the pandemic. We conceptualize power based on influence, using the studies by French and Raven (1959) and discuss this influence focused on actions in relation to COVID-19, citing the studies by Jetten et al (2020). Moreover, in order to show concretely the vestiges of power and influence of the president before his constituents, selected posts made by Bolsonaro on social networks *Twitter* and *Facebook* and comments made by Brazilians who follow and interact with it.

Keywords: Power; Influence; Presidential speech; Actions; COVID-19.

¹ Mestranda em Psicologia Social do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: vitorialaisufs@gmail.com.

revista *Linguasagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 78-92. ISSN: 1983-6988.

Introdução

O Poder Executivo no Brasil é exercido na sua plenitude pelo Presidente da República, que concentra todas as suas funções, abrangentes da chefia de Estado, de Governo e de Administração, como prevê o artigo 76 da Constituição Federal de 1988. Devido à tradição republicana, consagrou-se um Executivo monocrático, na medida em que todas as suas funções são exercidas por uma só pessoa, que não depende da confiança do Congresso Nacional para ser investido no cargo nem para nele permanecer, pois é eleito para um mandato fixo de quatro anos (CUNHA JÚNIOR; NOVELINO, 2014). Dessa forma, o cargo presidencial concentra um poder imprescindível no sistema de governo brasileiro, sendo o Presidente da República o principal responsável entre os poderes pelo país e pelo o seu povo, já que executa as leis e está na frente de implementações voltadas à saúde pública, entre outras.

Em meio a pandemia da doença denominada COVID-19, causada pelo Sars-Cov-2 (popularmente conhecido como novo coronavírus) o presidente Jair Messias Bolsonaro, em pronunciamentos realizados em rede nacional de televisão e postagens expostas em redes sociais, minimizou as consequências do vírus que vem assombrando e deixando milhares de mortos pelo mundo e foi de encontro às principais recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde), que destacam a importância do isolamento social para conter a proliferação do vírus, colocando em risco, dessa forma, a população a qual governa e instrui de acordo com o poder que exerce.

Desde que o vírus se espalhou descontroladamente por vários países, diversos cientistas estão mobilizados para encontrar uma vacina eficaz e concentrados em estudar e testar remédios que contribuam para o tratamento da doença. Nesse contexto, a cloroquina e seu derivado hidroxicloroquina, fórmulas utilizadas no tratamento e prevenção da malária e também de doenças inflamatórias crônicas, como artrite reumatoide e lúpus eritematoso sistêmico, receberam atenção como possíveis terapias, mas estudos realizados até o momento não atestaram sua validade contra o novo corona vírus (STEIN et al, 2020). Essas substâncias ficaram popularmente conhecidas, mais especificamente no Brasil, após serem ferrenhamente defendidas por Jair Bolsonaro como recursos terapêuticos eficazes no combate à COVID-19, mesmo sem evidências científicas que assegurem tal defesa.

A menos que uma vacina seja desenvolvida, ou até descobrirem medicamentos realmente aptos para tratar o vírus, os meios de controlar a propagação da infecção dependem de mudanças comportamentais e, portanto, da psicologia humana. O comportamento, então, é essencial nesse contexto. Na verdade, tudo o que pode ser feito para controlar o vírus até agora é incentivar e garantir que as pessoas se comportem adequadamente – ‘fazer a coisa certa’ (JETTEN et al, 2020). O presidente Jair Bolsonaro, no entanto, segue o caminho contrário: suas atitudes e seus discursos refletem justamente o que não deve ser seguido no atual contexto pandêmico.

Poder e Influência

Os estudos sobre a influência social propõem-se a observar como a convivência social pode influenciar a formação de crenças, valores, atitudes e opiniões pessoais, compondo as normas sociais e a noção do que é considerado certo ou errado nas diversas sociedades humanas. As teorias baseadas no paradigma da dependência consideram o poder como a base da influência, concluindo que aqueles que são dependentes se conformam com aqueles que detêm o poder. Elas não conseguem diferenciar o processo de influência do poder propriamente dito (CAMINO et al, 2013).

Entre as inúmeras discussões sobre o que é poder encontra-se o estudo de French e Raven (1959), cujo objetivo é definir as bases que dão origem a determinados tipos de poder visando observar as mudanças psicológicas que eles estimulam. Dessa forma, os autores definem poder como a habilidade potencial de um indivíduo (o agente= O) de influenciar outro indivíduo (o alvo= P) e influência como uma força que o agente exerce sobre o alvo para induzir uma mudança nesse alvo. Conceituando poder em termos de influência e influência em termos de mudança psicológica, French e Raven (1959) abordam a mudança em um nível de generalidade que inclui mudanças no comportamento, em opiniões, em atitudes, em metas, em necessidades, em valores e em todos os outros aspectos do campo psicológico da pessoa.

Nesse estudo os autores apresentam cinco bases de poder que, de acordo com eles, parecem especialmente mais usuais e importantes, sendo elas: poder de recompensa, poder coercitivo, poder legítimo, poder de referência e poder de especialista. Entende-se como base de poder a relação entre O e P, ou seja, a relação

entre O e P é caracterizada por diversas variáveis qualitativamente diferentes, que são as bases de poder.

Resumidamente, o poder de recompensa define-se como o poder cuja base é a habilidade para recompensar; o poder coercitivo é o poder baseado na percepção de P de que O tem a habilidade para intermediar punições contra ele; o poder legítimo está baseado na percepção de P de que O tem o direito legítimo de prescrever comportamento a ele; o poder de referência de O sobre P tem sua base na identificação de P com O e o poder de especialista é visto como aquele baseado na percepção de que O tem algum conhecimento ou perícia especial (FRENCH; RAVEN, 1959).

Focando no poder do presidente da república, abordar mais a fundo o poder legítimo torna-se produtivo. No entanto, os próprios estudiosos French e Raven (1959) destacam a complexidade desse poder:

O poder legítimo de O sobre P é aqui definido como aquele poder que se origina de valores interiorizados por P que ditam que O tem um direito legítimo para influenciar P e que P tem a obrigação de aceitar essa influência. Salientamos que o poder legítimo é bem parecido com a noção de legitimidade da autoridade, explorada há muito tempo pelos sociólogos. [...] Porém, poder legítimo nem sempre é uma relação de papel: P pode simplesmente aceitar uma indução de O por ter previamente prometido ajudar O e porque valoriza muito sua palavra para quebrar a promessa. Em todos os casos, a noção de legitimidade envolve algum tipo de código ou de padrão aceito pelo indivíduo, em virtude do qual o agente externo pode afirmar seu poder (FRENCH; RAVEN, 1959, p. 265, tradução nossa).

De fato, o poder legítimo baseia-se na convicção do alvo (P) de que o agente (O) tem o direito legítimo de exercer influência sobre ele e que a sua obrigação é aceitar essa influência. Mas, para que essa legitimidade seja alcançada, o poder legítimo tem suas bases. Os valores culturais, por exemplo, constituem uma base para que um indivíduo exerça um poder legítimo sobre o outro. O agente tem características especificadas pela cultura e ela lhe dá o direito de prescrever o que é melhor para o alvo, que pode não ter tais características. A aceitação da estrutura social é outra base para o poder legítimo. Se P aceitar como certo a estrutura social de seu grupo, organização, ou sociedade, especialmente a estrutura social envolvendo uma hierarquia de autoridade, P aceitará a autoridade legítima de O, que ocupa um cargo maior na hierarquia.

A designação por um agente legitimador é uma terceira base para o poder legítimo, sendo bastante esclarecedora para o objetivo deste ensaio. French e Raven (1959) explicam que:

Um influenciador O pode ser visto como legítimo na prescrição de comportamento para P porque ele recebeu esse poder de um agente legitimador a quem P concorda. [...] Uma eleição talvez seja o exemplo mais comum em que um grupo serve para legitimar a autoridade de um indivíduo ou cargo para outros indivíduos do grupo. O sucesso de tal legitimação depende da aceitação do agente e do procedimento de legitimação. Nesse caso, depende de uma última análise, de certos valores democráticos relativos aos procedimentos eleitorais. O processo eleitoral consiste em legitimar o direito de uma pessoa a um cargo que já possui uma gama legítima de poder associada. (FRENCH; RAVEN, 1959, p. 265, tradução nossa).

Sabendo disso, afirmamos que o poder exercido pelo atual presidente do Brasil é um poder legítimo, pois ele foi eleito democraticamente por um sistema eleitoral validado em todo o país. Assim, a influência que o presidente exerce é justificada pelo seu cargo, porém, não opera unanimemente, pois se direciona com muito mais força a seus eleitores e às pessoas que se identificam com suas ideias. Quem não reconhece essa influência não se identifica com Jair Bolsonaro e, portanto, não segue a suas recomendações e não tem as mesmas atitudes que ele vem tendo em meio à pandemia.

Dessarte, com base nos estudos de French e Raven (1959), analisar o poder do chefe do executivo em questão torna-se ainda mais complexo. Jair Bolsonaro exerce um poder legitimado pela eleição (poder legítimo), que é um processo socialmente aceito e reconhecido pelos brasileiros. Porém, quando os seus eleitores o veneram e seguem ferrenhamente o que ele diz, por mais absurdo que seja, observamos que outro tipo de poder também opera neste caso: o poder de referência. Sobre esse poder, French e Raven (1959) destacam:

O poder de referência de O sobre P tem sua base na identificação de P com O. Por identificação, queremos dizer um sentimento de unidade de P com O, ou um desejo por tal identidade. Se O é uma pessoa por quem P é altamente atraído, P terá o desejo de se tornar intimamente associado com O. A identificação de P com O pode ser estabelecida ou mantida se P se comportar, acreditar e perceber como O faz. Assim, O tem a habilidade para influenciar P, mesmo que P possa não estar ciente deste poder referente. (FRENCH; RAVEN, 1959, p. 266, tradução nossa).

Ademais, no atual contexto pandêmico, ao defender o uso de determinados medicamentos sem eficácia cientificamente comprovada, podemos inferir que Jair Bolsonaro se apropria ainda de um poder que não lhe cabe: o poder de especialista. French e Raven (1959) pontuam que:

A força do poder de especialista de O sobre P varia com a extensão do conhecimento ou percepção que P atribui a O dentro de uma determinada área. Provavelmente P avalia a especialidade de O em relação ao seu próprio conhecimento também. Em qualquer caso, o poder de especialista afeta primariamente a estrutura cognitiva de P. (FRENCH; RAVEN, 1959, p. 266, tradução nossa).

Isto posto, ao endeuçar remédios e estimular o uso, o presidente exerce esse tipo de poder indevidamente. Acreditamos, portanto, que Jair Messias Bolsonaro, em meio à pandemia causada pelo novo corona vírus, é investido de três tipos de poder: o poder legítimo, o poder de referência e o poder de especialista, sendo o poder legítimo o menos instável. Porém, com essa afirmação, transcendemos os estudos de French e Raven (1959), já que eles não admitem que um indivíduo possa investir-se de dois ou mais poderes simultaneamente. Essa confusão enfraquece as bases de poder do presidente em questão.

O Governo Bolsonaro Frente à Pandemia e o Impacto do seu Discurso

Jetten et al (2020), psicólogos sociais que vêm atuando no monitoramento da pandemia, organizaram um livro que utiliza a teoria da identidade social para analisar, ampla e integradamente, a psicologia da COVID-19. Nesse estudo, os autores destacam que os esforços para influenciar as pessoas são grandes em um contexto pandêmico e que surge a demanda por uma liderança eficaz, que explica o que está acontecendo e motiva as pessoas a contribuírem para o alcance dos objetivos compartilhados entre os grupos. Segundo eles, há duas razões principais pelas quais isso tem sido crítico para o gerenciamento da COVID-19: a primeira é que o vírus criou a necessidade das pessoas a trabalharem juntas para alcançar os novos objetivos coletivos; e a segunda é que há uma considerável incerteza sobre a natureza do vírus e como responder a ele (JETTEN et al, 2020).

Devido ao atual momento, as pessoas olham para os outros - e para os líderes em particular - buscando ajuda para que entendam o que deveriam estar pensando e fazendo, acreditando que as ações destes contribuem para uma resposta social acertada. Os autores defendem que, além de quererem coerência e explicações convincentes dessas coisas, as pessoas também querem líderes que as inspirem e assumam a responsabilidade, a fim de 'fazerem o que for preciso' para suportar a crise e sair dela da melhor forma possível (JETTEN et al, 2020).

Porém, o que se testemunha no Brasil é um líder com atitudes descabidas, já que as medidas de enfrentamento ao vírus propostas pelo presidente não atendem às expectativas de boa parte da população, pois, desde o início da pandemia Jair Messias Bolsonaro nega a gravidade da COVID-19, afirmando em meios de comunicação de massa que a doença é “apenas uma gripezinha”. Ademais, não incentivou o uso de máscaras e provocou aglomerações. Há uma supervalorização do uso da cloroquina e hidroxicloroquina mesmo sem evidências científicas favoráveis.

Uma revisão sistemática rápida, produzida por meio de uma ação colaborativa entre o Núcleo de Avaliação de Tecnologias em Saúde da Associação Hospital Moinhos de Vento (NATS-HMV) em colaboração com o Núcleo de Avaliação de Tecnologias em Saúde do Hospital Sírio-Libanês (NATS-HSL) e a Unidade de Avaliação de Tecnologias em Saúde do Hospital Alemão Oswaldo Cruz (UATS-HAOC), identificou onze estudos clínicos com dados disponíveis e treze protocolos registrados que se propõem a avaliar os efeitos da hidroxicloroquina/cloroquina associada a azitromicina em pacientes com COVID-19. O estudo concluiu que, até o momento da sua pesquisa (28 de abril de 2020), a eficácia e a segurança dessa intervenção para pacientes com infecção por Sars-Cov-2 são consideradas incertas e por isso é necessário cautela no uso dessas medicações, pois pode haver um aumento do risco de complicações cardíacas (STEIN et al, 2020). Ainda assim, há quem endeusa as ações do presidente e se espelham nelas, agindo conforme o líder e desconsiderando todas as outras informações seguras disseminadas pela OMS, pelos pesquisadores científicos e até mesmo pela imprensa.

Outro grande problema da atuação do governo Bolsonaro frente à pandemia é a instabilidade em relação aos Ministros. O Brasil foi o único país do mundo a ficar sem Ministro da Saúde em meio a uma crise sanitária e calamidade na saúde pública. A revista **Linguagem**, São Carlos, v.40, Numero temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 78-92. ISSN: 1983-6988.

demissão do primeiro Ministro da Saúde, Henrique Mandetta, refletiu o autoritarismo do presidente e a aversão a um protagonismo alheio, mesmo que esse protagonismo seja consequência de boas ações. Mandetta ganhou destaque devido às medidas adotadas contra a COVID-19, que direcionaram o país a seguir as recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde) e orientaram a população a ouvir os governadores - e não o presidente - sobre as restrições de circulação. Esses fatos possivelmente incomodaram Bolsonaro, uma vez que os discursos do então Ministro eram contrários ao dele. Logo após, Nelson Teich assumiu o Ministério, mas rapidamente pediu demissão por não concordar com as ordens do presidente. Atualmente, a chefia do Ministério da Saúde é ocupada interinamente por Eduardo Pazuello, general de divisão do Exército Brasileiro. Sendo assim, nota-se que o governo federal não tem uma estratégia clara de combate à pandemia, muito menos um discurso unificado para a proteção da população brasileira.

O presidente Jair Messias Bolsonaro, na realidade, assume diversas vezes um discurso de negacionismo a ciência que coloca em risco a vida todos os brasileiros. Além da cloroquina e hidroxicloroquina, ele defende o isolamento vertical, em que apenas as pessoas que se enquadrarem em grupos de risco precisam ficar em casa. Também relativizou o uso de máscaras, outra grande recomendação da OMS. Não há uma análise social responsável por parte do líder, que frustra e preocupa boa parte da população, mas agrada e influencia diretamente outra – a qual se identifica e pensa de forma similar a ele. Ao influenciar uma parcela de brasileiros Bolsonaro piora o contexto pandêmico, favorecendo o aumento do número de infectados e, posteriormente, de mortos, colocando o Brasil entre um dos países que mais sofrem com corona vírus.

Para mostrar, mesmo que brevemente, que essa influência ocorre e é prejudicial, selecionamos algumas imagens que contêm *posts* realizados no *Twitter* e *Facebook* do presidente, em que seus eleitores interagem por meio de comentários a partir do conteúdo publicado. Desde a candidatura, as redes sociais são grandes ferramentas utilizadas por Jair Bolsonaro na conquista do seu público e é através delas que ele continua perpetuando suas ideias e estabelecendo uma relação mais direta com as pessoas que o seguem e o acompanham.

Após ser contaminado com o novo corona vírus e testar positivo para a COVID-19, Jair Messias Bolsonaro publicou em seu *Facebook* e em seu *Twitter*, respectivamente, um vídeo e uma foto: no vídeo, postado em 07 de julho de 2020, o presidente exibe um comprimido de hidroxiclороquina e na foto, postada em 08 de julho de 2020, aparece se alimentando e sorrindo, a fim de demonstrar disposição e saúde física para defender o uso do remédio.



Figura 1: Postagens realizadas pelo presidente Bolsonaro no *Facebook* e *Twitter*.²

No conteúdo acima, nota-se que Bolsonaro exalta o fármaco sem eficácia comprovada cientificamente para o tratamento da COVID-19. O negacionismo à ciência ocorre duplamente através da soma entre os discursos “Eu tomei a hidroxiclороquina e estou me sentindo muito bem” e a “graça de Deus” (Figura 1 e 2). Seus seguidores reagiram da seguinte forma:

² Disponível em:

<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>
<https://twitter.com/jairbolsonaro>

revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 78-92. ISSN: 1983-6988.

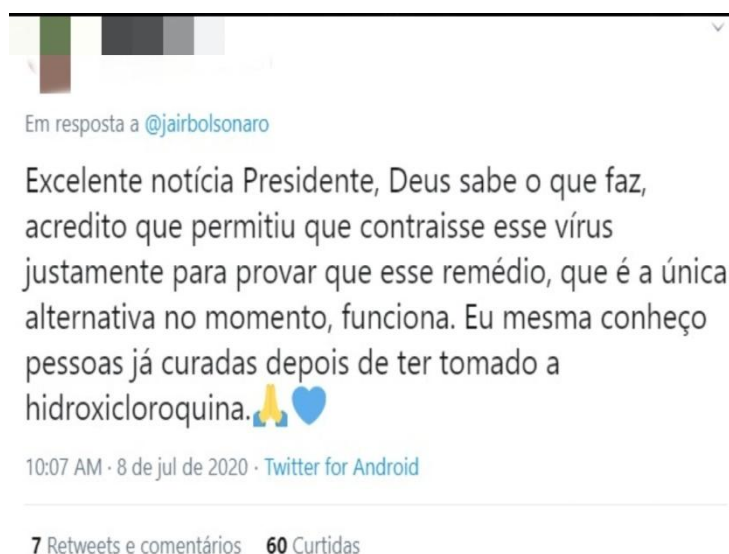
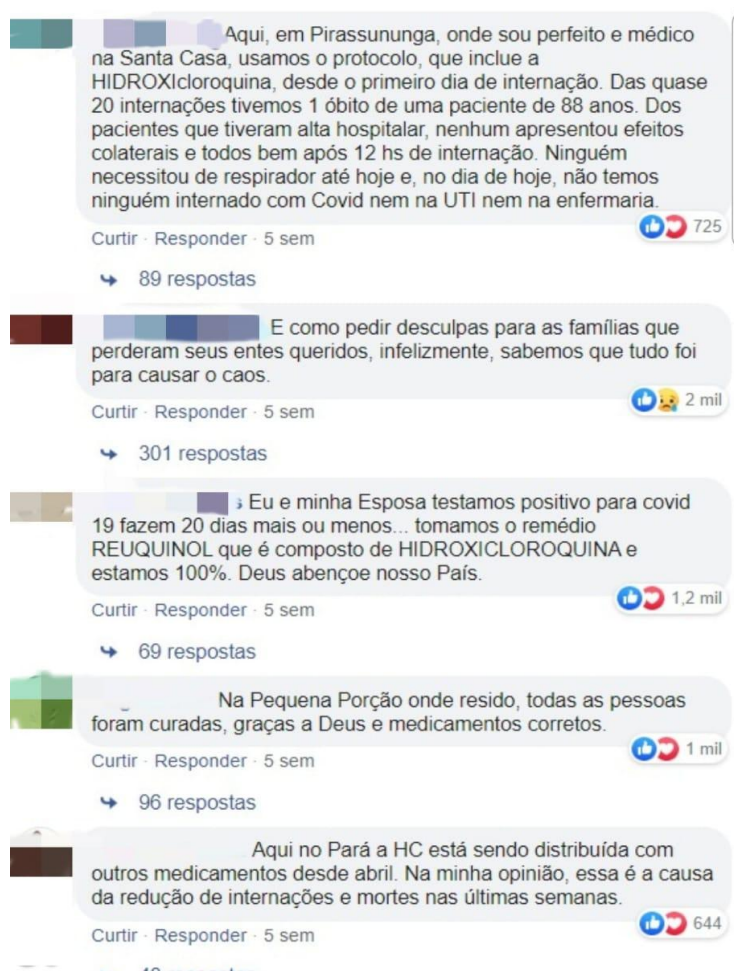


Figura 3: Comentário realizado por seguidora de Bolsonaro no *Twitter*.³



³ Disponível em:

<https://twitter.com/jairbolsonaro>

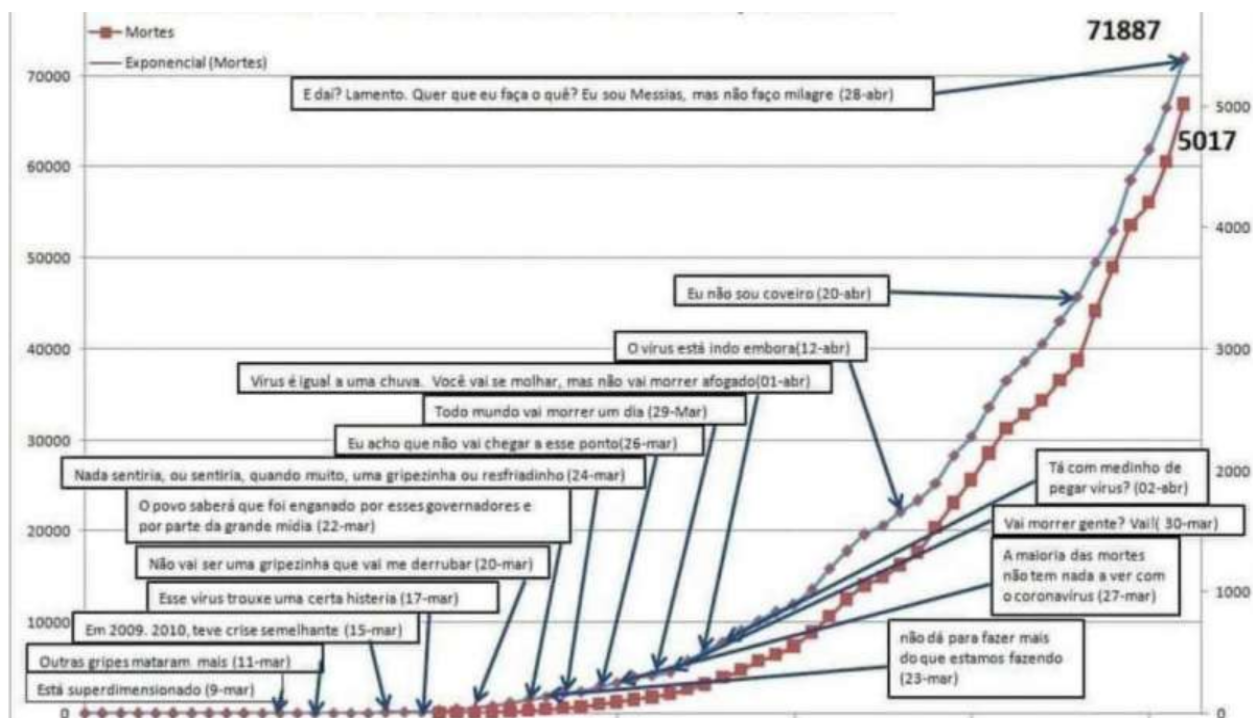
revista *Linguagem*, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 78-92. ISSN: 1983-6988.

Figura 4: Comentários realizados por seguidores de Bolsonaro no *Facebook*.⁴

É evidente que o poder legítimo aliado ao poder de referência assumido por Jair Bolsonaro faz com que ele exerça uma influência direta frente às pessoas que o seguem. Nas imagens aqui expostas é possível perceber que o presidente aparece como uma espécie de “salvador da pátria”, já que contraiu a doença e, supostamente, provou que o remédio condenado pela ciência foi eficaz em seu tratamento, como ele sempre defendeu. Ademais, no conteúdo acima, nota-se um comentário de um declarado médico confirmando as alegações de Bolsonaro. Sendo assim, a palavra do chefe do Executivo vale mais do que as evidências científicas amplamente aceitas e confiáveis, e ganha força à medida que supostos médicos o apoiam. Se apropriando dessa posição, Bolsonaro investe-se também do poder de especialista, que não lhe cabe, mas que é validado por seus seguidores.

Contudo, o poder e a influência do presidente não atingem a todos. A parte da população que não o apoia, na verdade, se revolta com os comportamentos inadequados do líder no atual contexto e o responsabiliza pelo aumento da pandemia no país. Um gráfico que contém declarações verbais de Jair Bolsonaro relacionando-as com o crescimento do número de casos e óbitos circulou nas redes sociais e demonstra de forma clara o comportamento de menosprezo e descaso do presidente perante o vírus:

⁴ Disponível em:
<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>



A foto tem circulado no WhatsApp - FOTO: REPRODUÇÃO / WHATSAPP

Figura 5: Gráfico com declarações de Bolsonaro ao longo da pandemia.

Fonte: (LIRA, 2020, p.1).

Jetten et al (2020, p. 32, tradução nossa) afirmam que “a liderança eficaz durante a crise da COVID-19 tem centrado em líderes capazes de desenvolver um senso de identidade compartilhada, um sentimento de que ‘nós estamos nessa juntos’, para serem vistos como ‘um de nós’”. Outrossim, explicam que em tempos de crise as pessoas não querem apenas líderes que as representem e compartilhem das suas preocupações, mas também líderes que fazem coisas para resolver essas preocupações. As pessoas olham para os líderes esperando que eles tomem a iniciativa e desenvolvam políticas que respondam de maneiras significativas à crise que enfrentam coletivamente (JETTEN et al, 2020). Enquanto chefe do Executivo, o poder exercido por Jair Messias Bolsonaro exige um comportamento adequado, diferentemente do que vem ocorrendo no atual contexto. As falhas cometidas por ele no combate ao novo corona vírus, ao mesmo tempo que são ignoradas por seus eleitores e simpatizantes, também são abundantemente condenadas pela população que não o idolatra e pela mídia em geral (nacional e internacionalmente). No dia 26 de julho de 2020, o presidente foi denunciado por crimes contra a humanidade e genocídio no Tribunal Penal

Internacional, com a alegação de que suas atitudes trouxeram “consequências desastrosas, com conseqüente crescimento da disseminação, total estrangulamento dos serviços de saúde, que se viu sem as mínimas condições de prestar assistência às populações, advindo disso, mortes sem mais controles.” (CARNEIRO; MARQUES, 2020). Além da denúncia internacional, em 08 de agosto de 2020, dia em que o Brasil chegou a marca de 100 mil mortes por COVID-19, o Jornal Nacional, transmitido pela Rede Globo, criticou ferrenhamente o Governo Federal e sugeriu a responsabilização do presidente pelo alto número de óbitos, citando as declarações verbais realizadas por ele ao longo da pandemia (Figura 5).

Nesse sentido, a liderança empreendida por Jair Bolsonaro é nociva. Suas falas, tal como o gráfico demonstra (Figura 5), refletem o seu egoísmo e não um senso de identidade compartilhada. O presidente parece não se abalar com as mortes do povo o qual lidera e, opostamente ao que se espera dele, minimiza a sua responsabilidade e se esvai de qualquer tipo de culpa.

Considerações Finais

A partir das reflexões levantadas neste ensaio, entende-se poder como a habilidade potencial de um indivíduo influenciar outro. Vimos que o presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, exerce poder e influência perante os brasileiros devido ao cargo que ocupa, mas esse poder e influência se enfraquecem caso não haja identificação das pessoas em relação a ele. Sendo assim, além de investir-se de um poder legítimo, validado pelas eleições, Bolsonaro assume ainda um poder de referência ante seus eleitores e seguidores, que concordam com suas ações e se espelham nelas.

No atual contexto pandêmico, provocado pelo alastramento da doença COVID-19, causada pelo novo corona vírus (Sars-Cov-2), a influência do chefe do Executivo tornou-se um problema, já que ele age de maneira irresponsável e negligente desde o início da pandemia no Brasil. Bolsonaro avoca um discurso de negacionismo à ciência, menospreza mortes, minimiza o vírus e endeusa remédios sem eficácia comprovada cientificamente. Neste sentido, ele assume indevidamente o poder de especialista, que é, assim como os outros, sancionado por seus admiradores. Não só o presidente, mas sua rede de apoio, e até uma fração da classe médica se lançaram a questionar a ciência.

Enquanto o país necessita de uma liderança eficaz, o que se observa é que o principal líder nacional se caracteriza como um péssimo exemplo a ser seguido e desmerecedor do poder que é investido. Sua influência é nociva e reflete no agravamento da pandemia no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMINO, L. et al. **Psicologia social: temas e teorias**. 2 ed. revista e ampliada. Brasília: Technopolitik, 2013.

CARNEIRO R., MARQUES, H. **Jair Bolsonaro é alvo de nova denúncia em tribunal internacional**. VEJA, 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/jair-bolsonaro-e-alvo-de-nova-denuncia-em-tribunal-internacional/>>. Acesso em 31 de julho de 2020.

CUNHA JR, D; NOVELINO, M. **Constituição federal para concursos**. Editora Juspodivm, 2014.

DE OLIVEIRA MENEGUETTI, D. U.; CAMARGO, L. M. A. COVID-19 “ESTAMOS NO MEIO DE UMA GUERRA”, MAS CONTRA QUEM?. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 7, n. 1, p. 01-02, 2020.

FRENCH JR, J. R. P.; RAVEN, B. H. The bases of social power. In: CARTWRIGHT, D. (Ed.). **Studies in social power**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1959. p. 259-269.

JETTEN, J. et al. **Together apart: the psychology of covid-19**. SAGE Publicaitons Ltd, 2020.

LIRA, L. **Gráfico que relaciona os casos de coronavírus no Brasil com falas de Bolsonaro viraliza no whatsapp**. UOL, 2020. Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/politica/2020/04/5607630-grafico-que-relaciona-os-casos-de-coronavirus-no-brasil-com-falas-de-bolsonaro-viraliza-no-whatsapp.html>> Acesso em: 24 de julho de 2020.

SKIPPER, C. P. et al. **Hydroxychloroquine in nonhospitalized adults with early COVID-19: a randomized trial**. Annals of Internal Medicine: 2020. Disponível em: <https://www.acpjournals.org/doi/10.7326/M20-4207>. Acesso em 16 de julho de 2020.

STEIN, C. et al. **Associação hidroxcloroquina/cloroquina e azitromicina para Covid-19**. Revisão sistemática rápida. Disponível em:

revista **Linguagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021, p. 78-92. ISSN: 1983-6988.

<<https://oxfordbrazilebm.com/index.php/2020/05/18/associacao-hidroxicloroquina-cloroquina-eazitromicina-para-covid-19-revisao-sistematica-rapida/>>. Acesso em: 16 de julho de 2020.

TEODORO, M. **JN critica atuação de Bolsonaro na luta contra a Covid-19**. BHAZ, 2020. Disponível em: <<https://bhaz.com.br/2020/08/09/jornal-nacional-responsabiliza-bolsonaro-mortes/#gref>>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.

Submetido em: 28/09/2020.

Aprovado em: 05/01/2022.

Como referenciar este artigo:

SILVA, Vitória Laís Santos. Poder e Influência: o Impacto do Discurso Presidencial em Meio à Pandemia Causada Pelo Novo Corona Vírus. **revista Linguagem**, São Carlos, v.40, Número temático. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, 2021. p. 78-92.